

# O *ethos* do autor no gênero epistolar: Flaubert e sua *correspondência*

Renata Aiala de Mello  
UFMG

**Resumo:** Sabe-se que Flaubert foi um dos romancistas do século XIX que mais se correspondeu através de cartas. Procuramos, nesse trabalho, delinear os *ethé* de Flaubert construídos em sua *Correspondência*, ou seja, pretendemos tratar da construção das imagens do autor a partir de suas experiências no mundo das práticas sociais, através de sua biografia pessoal, e também enquanto escritor, autor de diversos romances, tudo isso foi assunto, temática de cartas trocadas pelo escritor com amigos, familiares e amantes. Para a consecução de nossos objetivos, valemo-nos dos estudos de Roland Barthes sobre a figura do autor, dos estudos Dominique Maingueneau sobre o conceito de *ethos* e também sobre a noção de imagem do autor. Nos apoiamos, ainda, em alguns estudos de sobre o gênero epistolar.

**Palavras-chave:** Flaubert; *Correspondência*; *Ethos*, Gênero epistolar.

**Abstract:** *It is known that Flaubert was one of the novelists of the nineteenth century that mostly corresponded through letters. We seek, in this work, to outline the Flaubert's ethe constructed in his correspondence, in other words, we intend to analyze how the construction of the author's images is based on his experiences, in his social practices, through his personal biography, and also as a writer, author of several novels, all this was subject and theme of the letters he exchanged with friends, family and lovers. To achieve our goals, we use Roland Barthes studies on the figure of the author, Dominique Maingueneau studies on the concept of ethos and also about the notion of author's image. We use some studies on the epistolary genre as well.*

**Key-words:** *Flaubert; Correspondência; Ethos, Epistolary genre.*

## 1 Introdução

No presente trabalho, procuramos delinear o *ethos* de Flaubert construído em sua *Correspondência*. Analisamos duas instâncias do autor: a primeira como ser social, com uma identidade psicológica, ou seja, Flaubert *sujeito-cidadão*, e a segunda como enunciador, possuidor de uma identidade artística, ou seja, Flaubert *sujeito-autor*. Essa divisão é meramente metodológica e se faz necessária porque pretendemos tratar da construção das imagens do autor a partir de suas experiências no mundo das práticas sociais, através de sua biografia pessoal, e também enquanto

escritor, autor de diversos romances como, por exemplo, *Madame Bovary*.

Sabe-se que Flaubert foi um dos escritores do século XIX que mais escreveu cartas (Freijlich, 2012). Nelas, ele conta fatos de sua vida, reflete sobre sua escrita e também sobre a sociedade em que vive. A (re)composição dos *ethé*<sup>1</sup> de Gustave Flaubert *sujeito-comunicante*, segue uma ordem cronológica que vai de seu nascimento e sua origem, passando por sua infância, adolescência até chegar à idade adulta. Nessas cartas, o autor deixa traços, vestígios do vivido já a partir de sua infância. Assim, suas relações com a família e com a escola, por exemplo, tornam-se elementos preciosos na (re)constituição desses *ethé*.

Para a consecução de nossos objetivos, valemo-nos, como aporte teórico, dos estudos de Roland Barthes sobre a figura do autor, dos estudos Dominique Maingueneau sobre o *ethos* e também sobre imagem do autor. Nos apoiamos, ainda, em alguns estudos sobre o gênero epistolar além de consultarmos algumas biografias do autor, escritas, por exemplo, por Rey & Séginger e por Biasi.

Assim, estudar as inúmeras cartas<sup>2</sup> de Flaubert é importante para delinear sua imagem, para Freijlich (2012, p. 11), sua correspondência representa,

[um] conjunto enorme de ricos documentos, a fonte que nos proporciona conhecer amplamente a vida mental, psicológica e sentimental de Flaubert e nos permite montar um retrato jamais feito com esse material. A *Correspondência* nos dá a configuração, o retrato fiel de Flaubert. Nela, sua personalidade é revelada. [...] A *correspondência* ainda permanece negligenciada e desconhecida. Considerar Flaubert através de sua obra estaria incompleta sem a *Correspondência*.<sup>3</sup>

Passemos, a seguir, à reflexão de alguns conceitos chave para a análise de algumas cartas do autor.

## 2 Desdobramentos teóricos

---

<sup>1</sup> Em linhas gerais, *ethos* é definido como o caráter ou a imagem que o orador constrói de si para obter a adesão de seu auditório. A construção do *ethos* é, fundamentalmente, um processo interativo, produzido em situações comunicativas específicas, não correspondendo, necessariamente, à imagem do locutor exterior à sua fala.

<sup>2</sup> Escolhemos, para compor nosso *corpus*, o Tomo II da *Correspondance* de Flaubert (Edição da Pléiade, 1980), por reunir as cartas escritas pelo autor entre os anos de 1851 e 1858, período em que escreveu também *Madame Bovary*. Entretanto, nada nos impede de consultar os demais Tomos na medida de nossas necessidades. Cabe registrar, ainda, que seria praticamente impossível levar em consideração toda a *Correspondance* do autor, visto que são, ao todo, cinco tomos, cada um com uma média de 1.500 páginas. Acreditamos que essa escolha e esse recorte bastam aos nossos objetivos.

<sup>3</sup> [un] fresque gigantesque de documents aux multiples valeurs, la source qui nous permet de connaître la vie mentale, psychologique et sentimentale de Flaubert et de faire de lui un portrait qui n'était pas fait jusqu'à présent sur d'autres données que sur des linéaments. La *Correspondance* donne la configuration de Flaubert. Elle est l'image directe de lui-même. Sa personnalité y est souvent révélée. [...] La *Correspondance* reste encore négligée et méconnue. Considérer Flaubert à travers son œuvre serait chose malaisée sans sa *Correspondance*.

## 2.1 O gênero epistolar

O gênero epistolar – tão antigo quanto o aparecimento das primeiras sociedades com o domínio da escrita – é um gênero textual bastante rico e complexo que pode ser utilizado para a análise de fenômenos linguísticos, pois além de servir como meio de comunicação entre pessoas, registra memórias e aspectos sociais de uma época, servindo de fonte de estudos sócio-históricos e linguísticos.

De maneira geral, o texto epistolar pode ser definido (BARBOSA, 2010) como um texto escrito, enviado por um remetente a um destinatário, marcado pela interação, comunicação entre um emissor e um (ou mais) receptor(es), sendo que a sua feitura pode ter diferentes finalidades, dentre elas, informativa, afetiva, argumentativa, de discussão, de polêmica, de acusação, etc. Dito de outra forma, a carta mantém certa semelhança com o diálogo, ao pressupor um interlocutor, além de guardar, por vezes, traços do diálogo, como a coloquialidade e a informalidade. (TIN, 2005) A proximidade com o diálogo parece estar na raiz do gênero epistolar, assim, ela pode ser definida como uma “conversa escrita”.

Ao analisar correspondências, devemos levar em conta tudo isso, além de alguns aspectos estruturais caracterizadores, como temas mais recorrentes, grau de formalidade, intenção, entre outros. Nesse sentido, questionamos se a carta pode ser considerada como uma obra literária, ou se constitui apenas de um material auxiliar para o conhecimento de seu autor, de problemas relacionados com a sua obra, de suas concepções e de seu ambiente social. (TIN, 2005)

Outro ponto a ser considerado ao se estudar as correspondências de um autor, segundo Schweiger (2012) é que elas não são uniformes e estáticas. Esse texto muda de acordo com o ritmo de vida do sujeito que o produz. Vemos, no caso de Flaubert, que em momentos distintos de sua vida há uma maior frequência de cartas destinadas a uma pessoa ou a outra. Por exemplo, quando o autor viaja para o oriente, há um número maior de cartas para sua mãe. Já quando ele escreve *Madame Bovary*, suas correspondências são direcionadas a amante Louise Colet, nas quais ele descreve suas dificuldades de criação e se inspira para melhor criar suas personagens. Em vários momentos, ele envia para amigos e críticos de seu trabalho cartas refletindo sobre a sociedade e o fazer literário.

Um aspecto interessante é que a troca de cartas possui um efeito paradoxal no qual o proprietário de um texto é o destinatário e não aquele que escreve. (SCHWEIGER, 2012) Entretanto, “[...] os leitores que somos ainda não são terceiros totalmente excluídos da troca

íntima”<sup>4</sup> (SCHWEIGER, 2012, p. 12)

No que tange a *Correspondance* de Flaubert, Schweiger (2012) ensina que sua criação literária está ligada a sua necessidade de corresponder. Assim, suas cartas são consideradas mais eficientes que um diário íntimo. Para a autora, “A correspondência é, então, para continuar ou se dissolver em um outro gênero : a autobiografia”<sup>5</sup>. (SCHWEIGER, 2012, p. 69)

## 2.2 Ethos

Tendo em vista que o *ethos* está presente em praticamente todos os discursos, ele constitui objeto de investigação de parte das pesquisas em Análise do Discurso. Ao estudar a noção de *ethos*, os analistas do discurso geralmente retomam, em parte ou no todo, guardando semelhanças ou propondo disjunções, a trilogia aristotélica, qual seja: o *ethos*, centrado no caráter, na retidão moral do orador; o *pathos*, ligado ao auditório, a sua sensibilização; e o *logos*, atrelado ao próprio discurso, ao que ele demonstra ou parece demonstrar. Evidentemente, essas três noções tem sido retomadas não exatamente como foram concebidas pela retórica clássica, mas (re)adaptadas, (re)contextualizadas para darem conta das novas situações de comunicação, das complexidades próprias da atualidade e dos avanços proporcionados pelas pesquisas.

Segundo Borges (2010), a noção de *ethos*, para os romanos, mais particularmente para Cícero, na antiguidade clássica, divergia um pouco da noção proposta pelos gregos, sobretudo por Aristóteles. *Ethos*, para Cícero, era um dado preexistente ao discurso e referente ao caráter do orador, que se apoiava em sua autoridade individual e institucional. *Ethos* era influenciado e condicionado pelas crenças sociais e políticas do ambiente da república romana. O caráter de um homem, dotado pela natureza, era constante, permanente ao longo de sua vida e passava de pai para filho. Desse modo, na construção do *ethos*, levava-se em conta o status social do orador, sua reputação, seu modo de vida, sua trajetória familiar e profissional. Ainda segundo Borges, o *ethos*, para Cícero, atrelava-se menos ao *logos* e mais em uma concepção emocional e patêmica.

Diferentemente de Cícero, Aristóteles não priorizava a identidade social do locutor na construção de seu *ethos*, mas sim a apresentação de si no e pelo discurso de modo a obter credibilidade junto ao auditório. Não estava em questão a autoridade prévia do orador e tampouco sua reputação, mas sua capacidade de inspirar confiança no público por meio de seu discurso, ou

---

<sup>4</sup> “*les lecteurs que nous sommes ne sont quand même pas des tiers tout à fait exclus de l'échange intime.*”

<sup>5</sup> “*la correspondance est alors en passe de se prolonger, ou se dissoudre, dans un autre genre du sujet, l'autobiographie*”

seja, a construção do *ethos* era ancorada muito mais no próprio *logos* e seu poder de convencimento do que na história de vida do orador, seu status social permanente...

Mais de dois mil anos depois dos gregos e romanos “inventarem” a retórica, incluindo aí a noção de *ethos*, estudiosos de diversas áreas do conhecimento, tais como a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia e a Linguística, retomam, na atualidade, cada um à sua maneira e com objetivos específicos e particulares, a trilogia *ethos*, *pathos* e *logos*, não, evidentemente, sem alterações de usos e de sentidos.

O *ethos* não é, desse modo, uma representação estática e tampouco (de)limitada, mas, sim, uma forma dinâmica, construída no e pelo discurso e em co-participação com o destinatário. Em nosso artigo, levando em consideração o que apregoa Maingueneau, trataremos dos *ethé* de Flaubert, de seu livro *Madame Bovary* e de sua personagem Emma Bovary, levando em consideração as experiências sensíveis dos discursos / textos, que mobilizam as afetividades das instâncias enunciativas, que trazem em si índices que vão desde a escolha do registro da língua e das palavras até o planejamento textual, passando pelo ritmo, pelo corpo... (MAINGUENEAU, 2008a)

Vemos, com Maingueneau (1997; 2001a; 2006; 2008a), que várias disciplinas tem retomado a retórica e apresentado a noção de *ethos* sob diferentes facetas, o que dificulta a estabilização dessa noção. O autor sugere, então, que é mais produtivo para os pesquisadores apreender a noção de *ethos* como eixo gerador de uma multiplicidade de desenvolvimentos possíveis.

### 3 Análise

Flaubert, sobretudo, em sua *Correspondance*, constrói seu *ethos* muito mais no nível discursivo dito do que mostrado. Flaubert se expõe, constrói sua imagem exatamente dizendo aos seus co-enunciadores, “com todas as letras”, “eu sou isso, eu não sou aquilo” (BARTHES, 1975, p. 203).

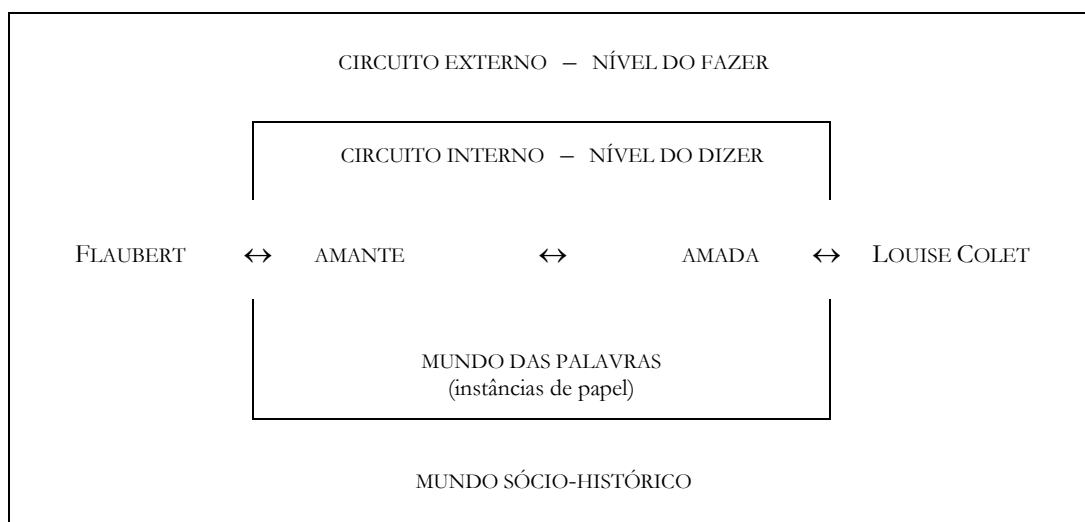
Mesmo com “a morte do autor”, nos termos de Barthes (1987, p. 49-53), que realiza um esvaziamento da figura do autor, priorizando a escritura e a imanência do texto, afirmando que a figura do autor é um construto histórico, acreditamos que seu *ethos* permanece vinculado à sua vida e é passível de ser resgatado em sua obra.

O leitor de Flaubert que tem contato com a *Correspondance* de Flaubert, certamente, terá muito material para produzir as imagens do autor, do conjunto de sua obra e personagens, seus *ethé* antes de iniciar a leitura de qualquer romance seu. Mas o contrário dessa situação também é possível, conforme afirma Maingueneau (2006, p. 269; 2008a, p. 16): “não se espera que o

destinatário disponha de representações prévias do *ethos* do locutor: assim é quando lemos um texto de um autor desconhecido”.

Para Poyet, Flaubert, antes mesmo de ser um romancista, é um filósofo da literatura, *ethos* que pode ser apreendido em sua *Correspondance*. Esse posicionamento coincide com nossa leitura segundo a qual o *ethos* de Flaubert pode ser mostrado, dito e efetivado por sua função autor, pensador, intelectual, alguém que possui uma visão particular da Literatura, de uma maneira geral, e da sua própria escritura, em particular. Na esteira do que foi mencionado no fragmento acima, até mesmo na *Correspondance* podemos perceber elucubrações de Flaubert a respeito da Literatura, do seu fazer literário, e, por conseguinte, seu *ethos* de autor.

Em um exercício de aplicação da Teoria Semiolinguística de Charaudeau ao que acabamos de tratar, temos uma variedade de quadros comunicacionais. No caso de Flaubert, por exemplo, o temos como EUC, sujeito empírico, com identidade reconhecida, com diversas funções sociais, produtor de discursos e de textos mundialmente reconhecidos. Vemos que ele aciona várias instâncias enunciativas, os EUs, para escrever, por exemplo, suas cartas. Em cada carta, podemos vislumbrar a presença desse sujeito comunicante que se desdobra em enunciativo. A título de ilustração, temos, abaixo, um exemplo do quadro aplicado em uma das cartas de Flaubert enviada a Louise Colet<sup>6</sup>.



No quadro, temos Flaubert como EUC, que se torna EUE em suas cartas endereçadas

<sup>6</sup> Louise Colet (1818-1876) foi poetisa, ganhadora de cinco prêmios da Academia Francesa. Casada com o músico Hippolyte Colet, ela manteve, durante anos, correspondência com Victor Hugo e foi amante de Victor Cousin e Alfred de Musset, antes de ser amante de Flaubert, entre os anos de 1846 e 1855.

a Colet, o TUI<sup>7</sup>. Ao escrever, Flaubert imagina sua destinatária, se nomeia e a nomeia (Flaubert e Louise são, então, os sujeitos empíricos). Ele ainda data e assina a carta, marcando ainda mais a situação específica de comunicação no nível situacional, do *façon*. Além disso, sabemos, pelo conteúdo dessas cartas, que os sujeitos enunciador e destinatário são amantes, além de amigos, confidentes e intelectuais que discutem sobre o fazer literário.

Entretanto, esse quadro pode tomar uma outra configuração, se levarmos em conta que nós leitores também lemos as cartas de Flaubert, que foram publicadas em *Correspondance*, pela Gallimard, nas Edições da Pléiade. Assim, temos, como sujeito interpretante, não mais ou apenas Colet, mas nós leitores do século XXI, que lemos as cartas. Por mais simples que possa parecer, essa modificação no quadro o transforma completamente. O ato de comunicação passa a ser outro, o quadro comunicacional também, com instâncias e circunstâncias outras. Muda-se o contrato, a situação de comunicação, o gênero (de certa forma), os parceiros, ainda que os sujeitos enunciatóres e destinatários continuem os mesmos, ou seja, Flaubert e Louise, amante e amada.

Voltando ao *ethos* do autor e corroborando com o que dizem os críticos sobre sua imagem de *doente* de Flaubert, ele próprio, em sua *Correspondance* fala a respeito de seu estado de saúde delicado. Em uma de suas cartas endereçadas a Colet, ele lhe diz: “*Je me suis senti tout à coup emporté par un torrent de flammes. [...] J’ai souvent senti nettement mon âme qui m’échappait, comme on sent le sang qui coule par l’ouverture d’une saignée*”<sup>8</sup> (FLAUBERT, 1980, p. 219). A Mlle. Leroyer, Flaubert relata como buscou a cura para sua doença:

Vous me demandez comment je me suis guéri des hallucinations nerveuses que je subissais autrefois ? Par deux moyens : 1<sup>o</sup> en les étudiants scientifiquement, c’est-à-dire en tâchant de m’en rendre compte, et 2<sup>o</sup> par la force de la volonté. J’ai souvent senti la folie me venir<sup>9</sup> (FLAUBERT, 1980, p. 716).

Podemos ver que Flaubert é muito crítico em relação à sociedade em que vive. A mediocridade do mundo descrita por ele parece ser responsabilidade da burguesia. Para Poyet (2007, p. 155), por exemplo, “*Flaubert n’accepte pas [cette] médiocrité: qui pourrait le lui reprocher?*”<sup>10</sup> Já na sua infância, em suas primeiras cartas aos amigos do colégio, Gustave censura a atitude dos burgueses. Aos nove anos de idade, ele já se mostra consciente do universo a seu redor: “*Tu as*

---

<sup>7</sup> EUc: EU comunicante; EUe: EU enunciatóres; TUD: TU destinatário; TUI: TU interpretante

<sup>8</sup> Senti-me subitamente arrastado por uma torrente de chamas. Senti, muitas vezes, claramente, minha alma me escapar, como quando sentimos o sangue esvaír-se pelas veias.

<sup>9</sup> Você me pergunta como me curei das alucinações nervosas que eu tinha antigamente? De duas maneiras: 1<sup>a</sup>, estudando-as cientificamente, ou seja, tentando me dar conta do que elas são, e 2<sup>a</sup>, pela força de vontade. Eu sempre senti a loucura me acometer.

<sup>10</sup> Flaubert não aceita a mediocridade quem poderia culpá-lo?

*raison de dire que le jour de l'an est bête [...] J'écrirais des comédies et toi tu écriras tes rêves; et comme il y a une dame qui vient chez papa et qui nous conte toujours des bêtises je les écrirais*<sup>11</sup> (FLAUBERT, 1973, p. 4).

Em uma outra carta, agora endereçada a Colet, Gustave lhe confessa: “*Je me délecte profondément dans la contemplation de toutes les ambitions aplaties. [...] On ne pourra être plus bourgeois ni plus nul*”<sup>12</sup> (FLAUBERT, 1973, p. 492-493). Continuando, em carta escrita à sua mãe, por ocasião de sua estada em Atenas, o autor diz: “*Que les bourgeois soient heureux, je ne leur envie pas leur lourde félicité!*”<sup>13</sup> (FLAUBERT, 1973, p. 734). Dos excertos acima citados, percebemos que ele critica a maneira de ser, de viver e de ver o mundo por parte dos burgueses. Ao dizer isso, Gustave se mostra, mostra sua identidade, seu *ethos*.

Além de atacar a classe burguesa, Flaubert não poupa críticas à Igreja, à Medicina, às classes intelectual e política de sua época. De acordo com Donatelli (2009), o autor zombava dos saberes e dos conhecimentos produzidos por seus contemporâneos, que afirmavam lhe serem suficientes. Flaubert criticava também os ditos do cristianismo, considerados por ele imorais: “*je bais la démocratie (telle du moins qu'on l'entend en France), parce qu'elle s'appuie sur la 'morale de l'évangile', qui est l'immoralité même.*”<sup>14</sup> (FLAUBERT, 1997, p. 314). Flaubert estabelece, assim, uma equivalência entre Estado, Ciência e Religião, todos rebaixados à condição de estupidez e imoralidade.

Em consequência a toda essa visão de mundo e seu estado de saúde, durante boa parte de sua vida adulta, Gustave preferiu se isolar em sua casa em Croisset, onde tinha sossego para escrever. Quase não participava dos eventos mundanos de Paris.<sup>15</sup> Durante muitos anos, recluso, Flaubert mostrava-se sensível, frágil, infeliz e registrava seus sentimentos em suas cartas: “*Je me sens devenir de jour en jour plus sensible et plus émouvable. Un rien me met la larme à l'œil. Il y a des choses insignifiantes qui me prennent aux entrailles.*”<sup>16</sup> (FLAUBERT, 1973, p. 678).

Percebemos, em outras correspondências a Colet, que há uma certa melancolia no tom que ele usa para descrever seus hábitos de ermitão: “*Si vous saviez dans quelle plate monotonie je vis, vous*

---

<sup>11</sup> Você está certo em dizer que a virada do ano é estúpida. [...] Gostaria de escrever comédias e você escreverá sobre seus sonhos, e como há uma senhora que vem à casa de meu pai e que sempre nos diz coisas absurdas, eu escreveria sobre elas.

<sup>12</sup> Deleito-me profundamente na contemplação de todas as ambições rasas. [...] Não há nada mais burguês nem mais estúpido.

<sup>13</sup> Que os burgueses sejam felizes, não lhes invejo sua felicidade pesada.

<sup>14</sup> Odeio a democracia (tal como a entendemos na França, pelo menos), porque ela se apóia na “moral do evangelho”, que é ela também a própria imoralidade.

<sup>15</sup> Barthes (2000, p. 170) nomeia esse recolhimento de Flaubert de “sequestro flaubertiano”.

<sup>16</sup> Sinto que me torno a cada dia mais sensível e mais emotivo. Qualquer coisa me faz chorar, mesmo as mais insignificantes me tocam profundamente.



*vous étonneriez même que je m'aperçoive encore de la différence de l'hiver à l'été et du jour à la nuit.*"<sup>17</sup>  
(FLAUBERT, 1980, p. 17) Dois anos mais tarde, ele confessava...

Moi, je me suis recuit dans ma solitude. Ma mère prétend que je deviens sec, hargneux et malveillant. Ça se peut! Il me semble pourtant que j'ai encore du jus au cœur. L'analyse que je fais continuellement sur moi me rend peut-être injuste à mon égard [...] Je suis très las<sup>18</sup> (FLAUBERT, 1980, p. 456).

Esse tom de desânimo continua sendo a tônica em uma outra carta, dessa vez à Mme Jules Sandeau, na qual ele se compara ao tempo: "*Je suis comme le temps, sombre et sans soleil.*"<sup>19</sup>  
(FLAUBERT, 1991, p. 232)

Em relação a *Flaubert sujeito comunicante-autor*, segundo Gengembre (1990, p. 17-46), Flaubert é um escritor para quem o exercício da literatura é visto como problemático. A sequência e encadeamento natural de ideias são duas das maiores dificuldades que o autor precisa lidar quando se trata de tecer seu texto. O árduo processo de criação lhe desgasta e lhe toma muito tempo. Em cartas enviadas a Colet, em anos subsequentes, Flaubert declara que, na confecção de *Madame Bovary*, sente dificuldades de escrever:

J'ai commencé hier au soir mon roman. J'entrevois maintenant des difficultés de style qui m'épouvantent. Ce n'est pas une petite affaire que d'être simple. J'ai peur de tomber dans le Paul de Kock ou de faire du Balzac chateaubrianisé.<sup>20</sup> (FLAUBERT, 1980, p. 5)

*Bovary* aura été un tour de force inouï et dont moi seul jamais aurai conscience: sujet, personnage, effet, etc., tout est hors de moi.<sup>21</sup> (FLAUBERT, 1980, p. 140)

Flaubert, ao mesmo tempo que redige seus romances, escreve parte de sua *Correspondance*. Nela, o autor, reflete sobre o processo de escritura do romance e, conseqüentemente, delinea, traça imagens da obra. Pelo o que as cartas nos apresentam, conforme já dito, o trabalho de escritura lhe despertou muitas emoções. Em várias passagens, Flaubert confessa, por exemplo, que *Madame Bovary* é complicada, que lhe dá muito trabalho. São comuns sentimentos tais como ódio, desprezo, desespero, amargura, tédio, cansaço, ansiedade, relacionados à complexidade e às dificuldades de escrita em geral e desse romance em particular.

---

<sup>17</sup> Se você soubesse como vivo na monotonia, você ficaria surpresa ao saber que eu ainda consigo ver a diferença entre o inverno e o verão, entre o dia e a noite.

<sup>18</sup> Recolho-me em minha solidão. Minha mãe acha que estou me tornando seco, grosseiro e hostil. É bem provável! Parece-me, entretanto, que ainda tenho forças no coração. A meu ver, a análise que faço constantemente de mim torna-me uma pessoa injusta. [...] Estou muito cansado.

<sup>19</sup> Sou como o tempo, sombrio e sem sol.

<sup>20</sup> Comecei o meu romance na noite passada. Agora posso ver as dificuldades de estilo que me aterrorizam. Não é fácil ser simples. Tenho medo de ser como Paul de Kock ou de fazer um Balzac chateaubrianizado.

<sup>21</sup> *Bovary* terá sido um feito inédito do qual somente eu terei consciência: assunto, personagem, efeito etc., tudo isso está além de mim.

De acordo com carta escrita a Colet, a expectativa de Flaubert (1980, p. 31) é de que *Madame Bovary* seja um livro sobre nada, visto que sua busca por um romance perfeito baseava-se não no tema, mas na forma, no estilo:

Ce qui me semble beau, ce que je voudrais faire, c'est un livre sur rien, un livre sans attache extérieure, qui se tiendrait de lui-même par la force interne de son style, comme la terre sans être soutenue se tient en l'air, un livre qui n'aurait presque pas de sujet ou du moins où le sujet serait presque invisible, si cela se peut.<sup>22</sup>

Desde o momento em que iniciou *Madame Bovary*, grande parte de sua correspondência é marcada por declarações semelhantes ao excerto acima, expressando seus sentimentos e sensações no que diz respeito à obra, ao processo de sua produção, enfim, ao *ethos* do romance.

A obra, publicada primeiramente em folhetim, causou um grande *frisson* na sociedade francesa, no momento de seu lançamento, o que levou Flaubert a escrever inúmeras cartas nas quais ele “se explica”. Em algumas delas, o autor esclarece a origem de *Madame Bovary*. Quando os críticos literários contemporâneos de Flaubert o acusavam de ser ele próprio a fonte de inspiração para sua obra, ele respondia: “*C'est une histoire totalement inventée; je n'y ai rien mis ni de mes sentiments ni de mon existence*”<sup>23</sup> (FLAUBERT, 1980, p. 691).

#### 4 Considerações finais

Com esse trabalho, não pretendemos, de maneira alguma, esgotar a questão da análise dos vários *ethé* que envolvem nosso *corpus*. Nossa intenção foi modesta: tratar de um dos componentes da trilogia aristotélica e tentar perceber como o *ethos* pode ser trabalhado no contexto da Literatura, mais especificamente, do gênero epistolar. Sendo a Literatura um discurso que atinge multidões, mobiliza subjetividades e carrega representações de mundo e ideologias, a necessidade de entendê-la enquanto um discurso e de estudar suas especificidades discursivas torna-se algo complexo, mas cuja urgência é, ao nosso ver, inquestionável e de extrema importância. Com nosso estudo sobre o universo flaubertiano, esperamos ter contribuído um pouco para isso.

Do exposto, vimos que Flaubert constrói o *ethos* de sua própria obra como uma estratégia discursiva para a preservação de sua própria face, no sentido de gerar efeitos específicos. De acordo com seu ponto de vista, a partir de seu testemunho registrado em suas cartas, ele

---

<sup>22</sup> O que me parece lindo, o que gostaria de fazer, é um livro sobre nada, um livro sem ligação com o exterior, que se sustentasse por si próprio, pela força interna de seu estilo, como a terra se sustenta sozinha, um livro que não tivesse quase nenhum assunto ou pelo menos que o assunto fosse quase invisível, se fosse possível.

<sup>23</sup> *Madame Bovary* não é real. É uma história totalmente inventada, eu não coloquei a metade dos meus sentimentos ou minha existência.

sintetiza seu posicionamento a respeito de *Madame Bovary*: “*Toute la valeur de mon livre, s’il en a une, sera d’avoir su marcher droit sur un cheveu, suspendu entre le double abîme du lyrisme et du vulgaire*”<sup>24</sup> (FLAUBERT, 1980, p. 57).

Percebemos, ao final desse trajeto, a importância da *Correspondance* de Flaubert, na qual ele se revela, revela seu jeito de ser, de ver e ler o mundo e a si próprio. Todos esses excertos de que nos valem aqui nos levam a supor que as experiências pelas quais Flaubert passou em sua infância, sua adolescência e também em sua vida adulta marcaram, compuseram sua identidade, seus *ethé*, moldando seu caráter e também construindo a imagem que o autor criou de si mesmo.

## Referências

- BARBOSA, J. B. Questões discursivas na construção de *corpora* para estudos diacrônicos: análise de cartas In: *Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura* n.12. Uberaba, 2010.
- BARTHES, R. A retórica antiga. In: *Pesquisas de Retórica*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1975. p. 147-221.
- BARTHES, R. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BARTHES, R. *O Rumor da Língua*. Lisboa: Edições 70, 1987.
- BARTHES, R. *SZ: uma análise da novela Sarrasine* de Honoré de Balzac. São Paulo: Fronteira, 1992.
- BARTHES, R. *O Grau Zero da Escrita*. São Paulo: Martins Fontes: 2000.
- Bovary – la nouvelle jeunesse du roman de Flaubert n°. 458, Paris, 2006a, p. 44-47.
- BIASI, P.-M. Madame Bovary, c'est qui? In: *Le Magazine Littéraire – Les vies de Madame Bovary – la nouvelle jeunesse du roman de Flaubert* n°. 458, Paris, 2006b, p. 53.
- BIASI, P.-M. *Gustave Flaubert: Une manière spéciale de vivre*. Paris: Le livre de Poche, 2009.
- BORGES, M. L. V. *A construção do ethos do orador no Pro Milone de Cícero*. São Paulo: USP. Dissertação de Mestrado, 2010.
- CHARAUDEAU, P. *Langage et Discours – Eléments de sémiolinguistique*. Paris : Hachette – Université, 1983.
- CHARAUDEAU, P. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris : Hachette, 1992.
- CHARAUDEAU, P. Uma Teoria dos Sujeitos da Linguagem. In: MARI, H. MACHADO, I.; MELLO, R. (orgs.). *Análise do Discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: NAD, 2001, p. 23-38.
- CHARAUDEAU, P. Prefácio. In: MELLO, R. *Análise do Discurso & Literatura*. Belo Horizonte:

---

<sup>24</sup> Todo o valor de meu livro, se é que ele o tem, é o de ter sido feito suspenso sobre o duplo abismo, o do lirismo e da vulgaridade.

NAD, 2005a. p.15-16.

CHARAUDEAU, P. Uma análise Semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L. & GAVAZZI, S. (orgs.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005b. p. 11-27.

CHARAUDEAU, P. *Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2006a.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006b.

CHARAUDEAU, P. Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. In: *Stéréotypage, stéréotypes : fonctionnements ordinaires et mises en scène*. Tome 4. Paris: L'Harmattan, 2007, p. 49-63.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, P. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. In: PIETROLUONGO, M. (org.). *O trabalho da tradução*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2009a, p. 309-326.

CHARAUDEAU, P. *L'identité culturelle entre soi et l'autre*. 2009b. In: <http://www.patrick-charaudeau.com/L-identite-culturelle-entre-soi-et.html>. Acessado em 05.10.2010.

CHARAUDEAU, P. Dize-me qual é teu *corpus*, eu te direi qual é a tua problemática. In: *Diadorim* v. 10, Rio de Janeiro, 2011, p. 1-23.

CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

DONATELLI, B. La topographie des savoirs dans Madame Bovary. In: REY, P.-L. & SÉGINGER, G. (orgs.) *Madame Bovary et les savoirs*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2009, p. 65-72.

FLAUBERT, G. *Œuvres Complètes - Madame Bovary*. Paris: Gallimard (Pléiade, Tomo I), 1951.

FLAUBERT, G. *Madame Bovary*. Tradução de Araújo Nabuco. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1970.

FLAUBERT, G. *Correspondance*. Paris : Gallimard (Pléiade, Tomo I), 1973.

FLAUBERT, G. *Correspondance*. Paris: Gallimard (Pléiade, Tomo II), 1980.

FLAUBERT, G. *Correspondance*. Paris : Gallimard (Pléiade, Tomo III), 1991.

FLAUBERT, G. *Correspondance*. Paris : Gallimard (Pléiade, Tomo IV), 1997.

FLAUBERT, G. *Œuvres de Jeunesse*. Paris: Gallimard (Pléiade), 2001.

FLAUBERT, G. *Correspondance*. Paris : Gallimard (Pléiade, Tomo V), 2007.

FREIJLICH, H. *Flaubert d'après sa correspondance*. Genève: Slatkine, 2012.

GENGEMBRE, G. *Gustave Flaubert: Madame Bovary*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

GRASSI, M-C. *Lire l'épistolaire*. Paris: Dunod, 1998.

MAINGUENEAU, D. *Les termes clés de l'analyse du discours*. Paris: Seuil, 1996a.

MAINGUENEAU, D. *Aborder la linguistique*. Paris: Seuil, 1996b.

MAINGUENEAU, D. *Elementos da linguística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996c.

MAINGUENEAU, D. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996d.

- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes, 1997.
- MAINGUENEAU, D. *O Contexto da Obra Literária*. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.
- MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001b.
- MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005a, p. 69-92.
- MAINGUENEAU, D. O discurso literário contra a literatura. In: MELLO, R. (org.) *Análise do Discurso & Literatura*. Belo Horizonte: NAD, 2005b. p. 17-29.
- MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2005c.
- MAINGUENEAU, D. *Discurso Literário*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (orgs.). *Ethos Discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008a, p. 11-29.
- MAINGUENEAU, D. Discurso e Análise do Discurso. In: SIGNORINI, I. (org.) *[Re] discutir texto, gênero e discurso*. São Paulo: Parábola, 2008b, p. 135-155.
- MAINGUENEAU, D. *Doze Conceitos em Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola, 2010a.
- MAINGUENEAU, D. Ethos literário, ethos publicitário e apresentação de si. In: MACHADO, I. & MELLO, R. (orgs.). *Análises do Discurso Hoje vol. 3*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010b. p. 193-207.
- MAINGUENEAU, D. *Les phrases sans texte*. Paris: Armand Collin, 2012.
- POYET, T. *Madame Bovary: Le roman des Lettres*. Paris: L'Harmattan, 2007.
- REY, P.-L. & SÉGINGER, G. (orgs.) *Madame Bovary et les savoirs*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2009.
- SCHWEIGER, A. *Flaubert en toutes lettres: L'écriture épistolaire dans la correspondance et dans l'oeuvre*. Rouen: PURH, 2012.
- TIN, E. Cartas e Literatura: reflexões sobre pesquisa do gênero epistolary In: IV Semana de Estudos do curso de Letras da Universidade Paulista – UNIP, 2005.
- VIOLI, P. Cartas. In: VAN DIJK, T. *Discurso y literature*. Madri: Visor, 1999, p. 181-203.
- VIVES, L. *Epistolário*. Madri: Editora Nacional, 1978.

**Renata Aiala de Mello**

---

Doutoranda em Estudos Linguísticos (UFMG/CAPES), Mestre (2011-2012) em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais Graduada em Letras (Francês/Português/Inglês) pela Universidad Federal de Minas Gerais 2005-2010).. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Análise do Discurso.  
Endereço eletrônico: [demello.renata@gmail.com](mailto:demello.renata@gmail.com)

*Enviado em 30 de dezembro de 2013.  
Aceito em 30 de maio de 2014.*